

## Horror Cósmico em *Independence Day*

Prof. Dr. Daniel Serravalle de Sá (UFSC)

### **Resumo:**

A noção de ‘horror cósmico’, proposta por H.P. Lovecraft, sustenta que a pior forma de medo reside nos aspectos insondáveis da experiência humana. Segundo o autor, os acontecimentos inexplicáveis seriam mais assustadores do que os horrores provocados por entidades sobrenaturais e pela ameaça de destruição corporal. À luz do conceito de Lovecraft pretende-se discutir o filme *Independence Day* (1996), no qual uma invasão alienígena sugere a possibilidade de aniquilamento de espécie humana e reflete a questão do Mal na forma de um abandono ou desamparo cósmico. Tal situação de horror é combatida no filme americano por meio de um projeto que visa restaurar a ordem destituída pelos invasores ao mesmo tempo em que sugere aspectos ideológicos através da montagem e da caracterização dos personagens.

**Palavras-chave:** Horror cósmico, H.P. Lovecraft, *Independence Day*, ficção científica, narrativa de invasão.

Dirigido pelo cineasta alemão radicado em Hollywood, Roland Emmerich, *Independence Day* é um *blockbuster* do cinema americano que ganhou o Oscar de melhores efeitos visuais em 1996. Nesse mesmo ano, chegou a ocupar a segunda colocação entre os filmes mais rentáveis da história, levou ao cinema milhares de pessoas ao redor do mundo e faturou mais de oitocentos milhões de dólares na bilheteria. Atualmente, quinze anos após o seu lançamento, *Independence Day* ainda ocupa a vigésima sétima posição entre os filmes mais lucrativos de todos os tempos.

O filme representa uma invasão alienígena na terra e, por isso, costuma-se pensar nele enquanto um reminescente dos filmes de ficção científica dos anos 50, a exemplo de *Guerra dos Mundos* (Byron Haskin 1953) e *Terra v. Discos Voadores* (Fred Sears 1956). Uma distinção importante é que a ideologia anti-comunista que se nota na produção dos anos 50, com seus personagens arquetípicos, o embate entre americanos e monstros extraterrestres simbolizando os russos, cada qual representando um país e uma ideologia particular, não se verifica em *Independence Day* pois o contexto da Guerra Fria e o próprio comunismo já não representa uma ameaça contra o regime americano em meados dos anos 90. Todavia, como iremos ver, isso não quer dizer que o filme está isento de perspectivas políticas e ideológicas.

No que diz respeito a estrutura narrativa, *Independence Day* é formalmente mais complexo que os filmes produzidos nos anos 50 ao trabalhar com as micro histórias dos personagens em meio à invasão espacial; cruzando diversas linhas narrativas e dramas individuais para compor a história principal.

Apesar das diferenças históricas existem elementos que, de fato, apontam para uma continuidade entre os filmes, a exemplo da própria permanência do tema da invasão alienígena e de como o cinema hollywoodiano se vale de processos de montagem e caracterização dos personagens para incutir no espectador uma visão de mundo que se manifesta de modo subjacente à narrativa. Entretanto, traçar linhas tão diretas entre os filmes dos anos 50 e *Independence Day* seria uma visão simplista do que é ficção científica e, em última instância, negaria a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre mudanças que ocorrem dentro da noção de gênero fílmico e sobre o modo como a indústria hollywoodiana trabalha. Usar definições muito limitativas pode levar à conclusão de que os aspectos centrais desse filme são exclusivamente do âmbito do gênero ficção científica, e não é isso. Por exemplo, pode se pensar em *Independence Day* enquanto um filme dentro da categoria ‘cinema catástrofe’ pois também é isso que ele representa. Tanto que, após o seu sucesso, diversos outros filmes nesse formato foram lançados na década de 90, a exemplo de, *Volcano, a fúria* (Mick Jackson 1997), *Impacto Profundo* (Mimi Leder 1998) e *Armageddon* (Michael Bay 1998). Tais ‘ciclos de produção’ são característicos do *modus operandus* da indústria hollywoodiana: quando um determinado tipo de filme faz sucesso logo uma sequência de filmes no mesmo formato é lançada com o intuito de capitalizar sobre o êxito do primeiro. Além disso, colocar filmes dentro de categorias restritivas nega uma das principais estratégias promocionais da indústria americana, que consiste em lançar filmes de gênero híbrido com o intuito de amealhar o maior número possível de espectadores. Ao flexibilizar intencionalmente o gênero de um filme, o objetivo da indústria é atrair tanto o espectador que gosta de filmes de ficção científica quanto aquele que prefere aventura, quanto aquele que está ali apenas para assistir o drama romântico entre os atores do momento. Isso demonstra que *Independence Day* transita entre os gêneros ficção científica, ação, aventura e pode ser compreendido, até mesmo, enquanto um filme que contém elementos arraigados no que o escritor americano H.P. Lovecraft chama de ‘horror cósmico’ em seu texto

teórico *Supernatural Horror in Literature* (1973), escrito em 1927.

Apesar do título do livro, Lovecraft afirma que o tipo de medo que envolve horrores sobrenaturais, a exemplo de fantasmas, vampiros e outras entidades imateriais, pertenceria a um segundo escalão, pois está relacionado a um antigo imaginário gótico que já não exerce tanto apelo em um mundo tecnológico. Seria também inferior o medo que deriva da destruição física do corpo humano, a exemplo de mutilações, mortes violentas e atos de brutalidade; este constituiria um tipo banal de horror já que, em última instância, refere-se apenas a preservação física do indivíduo. Para Lovecraft, o tipo de horror que realmente deveria impor medo é o horror cósmico, pois ele reflete o abandono de Deus ao mostrar a espécie humana deixada à sua própria sorte no universo.

This type of fear-literature must not be confounded with a type externally similar but psychologically widely different; the literature of mere physical fear and the mundanely gruesome. Such writing, to be sure, has its place, as has the conventional or even whimsical or humorous ghost story where formalism or the author's knowing wink removes the true sense of the morbidly unnatural; but these things are not the literature of cosmic fear in its purest sense. The true weird tale has something more than secret murder, bloody bones, or a sheeted form clanking chains according to rule. A certain atmosphere of breathless and unexplainable dread of outer, unknown forces must be present; and there must be a hint, expressed with a seriousness and portentousness becoming its subject, of that most terrible conception of the human brain -- a malign and particular suspension or defeat of those fixed laws of Nature which are our only safeguard against the assaults of chaos and the dæmons of unplumbed space. (LOVECRAFT, 1973, p. 12).<sup>1</sup>

Nesse sentido específico *Independence Day*, assim como outros filmes de invasão espacial e destruição da Terra, é um filme de horror cósmico, no qual o que

---

<sup>1</sup> " Esse tipo de literatura do medo não deve ser confundida com um tipo de aparência semelhante mas psicologicamente muito distinta, a literatura do simples medo físico e mundanamente terrível. Tal literatura, com certeza, tem seu lugar, assim como narrativas convencionais, até extravagantes ou jocosas sobre fantasmas nas quais o formalismo ou a piscadela consciente do autor remove o verdadeiro sentido do mórbido não-natural; mas essas coisas não são a literatura do medo cósmico em seu sentido mais puro. O verdadeiro conto estranho e incompreensível tem algo a mais do que o assassinato secreto, ossos sangrentos ou forma sob lençol rangendo correntes de acordo com a regra. Uma certa atmosfera de sufocante e inexplicável de medo de forças externas desconhecidas deve estar presente, e deve haver uma indicação, expressa com seriedade e solenidade que se faça central àquela concepção mais terrível do cérebro humano - uma suspensão maligna e particular ou o fracasso das leis fixas da Natureza que são a nossa única salvaguarda contra os ataques do caos e das entidades do espaço insondável. " Minha tradução.

está em jogo é a sobrevivência da humanidade desamparada e prestes a ser vítima de um genocídio.

Dentro desse contexto a discussão se dará em torno dos mecanismos que o cinema americano utiliza para restaurar a ordem destituída pelos invasores e reafirmar senão a fé em uma divindade ou universo benevolente ao menos a fé no projeto humano. Ainda, o que se pretende apontar aqui são os aspectos ideológicos desse projeto que se contrapõe ao horror cósmico e como tal projeto representa a uma visão de mundo permeada por um determinado tipo de empresa americana.

Apesar do grande êxito comercial, *Independence Day* não é um filme particularmente memorável tanto no que diz respeito aos diálogos e a atuação quanto no que concerne o seu enredo, que é bastante previsível. As cenas de ação e os efeitos especiais que se apresentam na tela são de fato o que há de melhor nesse filme. A história inicia de forma direta com uma nave gigantesca se aproximando da Terra já no segundo minuto do filme. Espera-se do espectador uma rápida decodificação do cenário, da ação que está ocorrendo e dos aspectos envolvidos nesse embate entre alienígenas e terráqueos. A luta de morte que vai ocorrer entre o Bem e o Mal possui personagens bem definidos e visa conectar-se com o público através de um conceito comum a todos os espectadores que seria a noção de espécie humana ou de humanidade. De forma que, já nas cenas iniciais, promove-se uma história de cunho universal com a qual o público, seja americano ou internacional, pode rapidamente entender e se identificar. Posteriormente, o filme vai se valer dessa identificação para promover aspectos morais e ideológicos.

No dia 2 de julho os sistemas mundiais de comunicação entram em colapso devido ao que se acredita ser uma estranha interferência atmosférica. Não se sabe que tais problemas são provocados pela aproximação da nave-mãe alienígena, que solta uma frota de trinta e seis naves no formato de disco voadores, cada qual com vinte quilômetros de diâmetro. A frota se posiciona sobre as principais metrópoles do mundo: Washington, Nova Iorque, Roma, Paris, Londres, Berlim, Moscou, inclusive São Paulo e Nova Deli. De início acredita-se que as naves vieram em paz e os diferentes governos do mundo tentam se comunicar com os extraterrestres, mas as naves começam a destruir as cidades impiedosamente. No dia 3 de julho, no meio do caos, os governos reagem, mas nem as armas nucleares mais poderosas da Terra

conseguem destruir o campo de força invisível que protege as naves.

O horror cósmico se manifesta com mais força exatamente nesse momento do filme, no qual o racionalismo científico dos personagens se desintegra em face do ataque alienígena. A perturbação e a desintegração da ordem visível têm como objetivo provocar incertezas no espectador. As cenas de morte e destruição do planeta sugerem que a ciência e a tecnologia teriam falhado na tarefa de proteger e que a providência divina teria abandonado a espécie supostamente criada a sua imagem e semelhança. Surgem medos de que talvez haja outros deuses e universos desconhecidos prestes a irromper na nossa realidade. *Independence Day* toca noções de religião e do sagrado sem, no entanto, cair na perspectiva particular da religião institucionalizada, observada em filmes como *O Exorcista* (William Friedkin 1973) e *Constantine* (Francis Lawrence 2005). A perspectiva religiosa veiculada nesses dois filmes pode ter pouco apelo para espectadores fora do mundo ocidental e/ou que não compartilham das bases religiosas cristãs. Nesse sentido, o tipo de horror veiculado em *Independence Day* exerceria uma força cultural mais eficaz, pois remete à ideia de abandono ou desamparo cósmico.

As diversas linhas narrativas, que até então o espectador acompanhava simultaneamente em meio à invasão espacial, concentra-se na história de três personagens, cujas vidas convergem para um encontro na chamada de área 51, uma base militar ultra-secreta no deserto de Nevada de onde sairá o contra-ataque terrestre. O personagem no topo da cadeia de comando é o presidente americano Thomas J. Whitmore (Bill Pullman) que, antes de assumir o cargo havia sido piloto de caças na Guerra do Golfo. Além de estar cuidando da filha sozinho e atribulado com as importantes decisões que envolvem o destino do país, ele também está preocupado com sua esposa, Marilyn (Mary McDonnell), que está viajando. Esse personagem pode ser pensado dentro do contexto histórico da eleição presidencial americana 1996, na qual o democrata Bill Clinton foi eleito a um segundo mandato. Em 1993, Clinton sucedera o republicano George W. H. Bush (pai) numa eleição conturbada pela aparição de segredos relacionados à Guerra do Golfo, escândalos mais ou menos graves envolvendo o uso de armas químicas, doenças de soldados americanos relacionadas à contaminação com urânio empobrecido e o questionamento dos números apresentados em relação às baixas do lado iraquiano. O início dos anos 90

foi uma época de grande agitação política nos Estados Unidos e, na ocasião, Bill Clinton foi apresentado como um líder que poderia reequilibrar a política interna e externa. Clinton foi um presidente que inspirou muitos personagens fictícios no cinema americano, como parece ser o caso da figura presidencial em *Independence Day*.

O segundo personagem central ao desenvolvimento da trama é David Levinson (Jeff Goldblum), um especialista em computação, entusiasta de xadrez e ambientalista militante. Apesar de ser formado pelo prestigiado MIT, David trabalha como técnico de satélites, um emprego abaixo da sua qualificação mas que no entanto lhe proporciona liberdade para exercer suas convicções. Ele vai criar um vírus capaz de interferir nos escudos das naves e torná-las vulneráveis ao ataque das armas terrestres. David, que é um judeu secularizado, tem acesso ao presidente via sua ex-esposa (Margaret Colin) que trabalha como assessora na Casa Branca. Os dois ainda se amam mas suas agendas profissionais são incompatíveis e os colocam em campos opostos.

O personagem que completa o grupo é o capitão Steven Hiller (Will Smith), que está irritado com suas tentativas frustradas de se tornar astronauta e incerto sobre se deve casar com sua namorada Jasmine (Vivica Fox), que é mãe solteira e trabalha como dançarina exótica. O capitão Steven consegue um feito notável ao abater um pequeno caça inimigo após uma perseguição vertiginosa pelo *Grand Canyon*. Ele captura um alienígena vivo e o leva para a área 51, dando início a possibilidade de se vencer o invasor. No dia 4 de julho, esses três personagens vão deslanchar a investida que vai decidir a existência da espécie humana. Esses personagens são os catalisadores da história, seus conflitos e escolhas individuais conferem um tom mais pessoal ao filme, embora suas ações repercutam no destino da nação americana e do mundo.<sup>2</sup>

Se anteriormente *Independence Day* buscou angariar a identificação do público

---

<sup>2</sup> O personagem Russell Casse (Randy Quaid), ao suicidar-se destruindo a arma primária dos alienígenas, desempenha um papel importante na salvação do planeta. A história desse piloto de aviões para pulverização agrícola, que luta contra o alcoolismo e, apesar de ridicularizado em sua comunidade, insiste que foi abduzido por alienígenas, é apenas mais uma sub-narrativa no filme. A verificação de que ele não faz parte do grupo de personagens principais, e por isso não entra nessa análise, está no fato de que o rosto do ator não entra nos cartazes do filme, tampouco seu nome aparece em destaque.

com base na noção universal de espécie humana, após a apresentação dos dramas pessoais de cada personagem, a proposta agora é a identificação do público em torno da unidade familiar ou da unidade de um determinado grupo de pessoas em torno de um destino comum. O filme coloca em cena uma gama variada de situações e experiências, centradas em diferentes graus de parentesco e de comunidade, com as quais os espectadores são convidados a se identificar facilitando assim a promoção de aspectos morais e ideológicos.

À primeira vista, *Independence Day* parece veicular a ideia de que cada um desses personagens oriundos de classes sociais distintas, pertencentes a diferentes crenças religiosas e etnias, cada qual com sua experiência de vida contribuem de modo decisivo para a vitória sobre os alienígenas. Subjacente à caracterização dos personagens notam-se ideais representativos do estilo de vida americano, por exemplo, a busca da felicidade, a superioridade da democracia dita livre, o poder individual de transformar a vida através da determinação, o mercado de trabalho competitivo e a proteção da propriedade valendo-se de armas.

Entretanto, por uma leitura à contrapelo, quem está no topo da cadeia de comando é um homem de origem anglo-saxã, representando a liderança política e o poder de decisão. Em seguida temos um personagem de origem judaica, representando a ciência e a inteligência, inclusive um *kippá* é posto em cena quando ele surge com a invenção que vai possibilitar a vitória sobre os alienígenas. Por último, temos um homem negro representando a coragem e também a força bruta pois é ele que vai finalmente ganhar a chance de ser astronauta ao pilotar até a nave-mãe inimiga para implantar o vírus. Ainda que o trabalho de piloto seja um trabalho altamente especializado, e deve-se dizer que os outros dois personagens também participam da luta, o personagem negro é o que está repetidamente no *front* da batalha e aquele que pratica os atos de brutalidade e violência. Nesse sentido *Independence Day* desenvolve um conceito baseado na reprodução de estereótipos étnicos e sociais. Note-se que tal leitura não seria possível se os papéis dos atores fossem invertidos. A força dos filmes de Hollywood reside nesse tipo de marco ideológico colocado para o espectador e codificado na montagem, na caracterização e na estrutura narrativa que confronta o Bem e o Mal.

Diferente dos filmes dos anos 50, a ameaça alienígena em *Independence Day* se

apresenta enquanto um inimigo sem identidade definida. Nada se sabe sobre os invasores, de que galáxia eles vieram, porque atacaram. Esse inimigo indefinido, cuja descrição permanece em um estágio inicial durante todo o filme, é um elemento raro em Hollywood e aqui novamente é possível uma associação com o universo criativo de Lovecraft e suas histórias de deuses extraterrestres cuja existência desafia a compreensão humana. As entidades na obra de Lovecraft são enigmáticas e indiferentes à humanidade, sem outras explicações elas pertencem a um passado imemorial e vieram das estrelas para destruir o mundo. Enquanto muitos filmes tiram partido de *serial killers* e fanáticos religiosos para causar medo, *Independence Day* expõe fobias sociais latentes baseadas no medo do desconhecido e na insignificância humana. Ainda que tal postura de se aproxime de algumas características do niilismo, o horror cósmico tende a enfatizar a indiferença ao invés de rejeitar sumariamente a ausência de um propósito maior.

O horror cósmico que o inimigo indefinido desperta é combatido com uma determinada visão de mundo ou projeto que parece ter por fundo a ideia de globalização sob a tutela americana. É através da própria câmera que se nota tal dominação ideológica. A cena de abertura do filme mostra a bandeira americana sendo fincada na superfície da Lua. A imagem granulada, em preto e branco, remetendo às imagens de arquivo da primeira viagem à Lua, colore-se gradualmente, como se atualizasse um período de tempo que vai de 1969 a 1996. Tal entrelaçamento entre história e ficção parece estabelecer a supremacia americana através da bandeira que domina a Lua acima da Terra e, sem que haja a necessidade de discurso, transmite-se uma mensagem político-ideológica. Em seguida a câmera aponta para a placa metálica, assinada por Nixon, na qual está gravada o mapa do mundo e o texto em inglês: “Aqui, homens do planeta Terra puseram os pés na Lua pela primeira vez. Viemos em paz por toda a humanidade”. Implementa-se aqui um ideal globalizante através de uma língua e geografia específica que demonstra a boa vontade americana e o caráter pacífico dos Estados Unidos em face da agressão dos alienígenas que está por vir. O resto do filme vai desdobrar e desenvolver a globalização cultural americana enquanto princípio dominante. Cabe ainda apontar que o título do filme carrega em si um significado explícito para o espectador ocidental ou ocidentalizado ao relacionar os atos patrióticos do quatro de julho americano ao dia em que os

alienígenas foram vencidos.

A análise de *Independence Day* feita aqui destacou a presença de aspectos ideológicos na narrativa, a exemplo de como a caracterização dos personagens se baseia em clichês étnicos, como o filme promove a defesa da propriedade através de guerras e como a noção de Bem e Mal promulgada durante a narrativa lança as bases para uma globalização cultural liderada por ideais americanos. Essa análise não pretende ser exaustiva e, devido a uma questão de espaço, não se salientou os elementos no filme que resistem a essa leitura. Enfatizou-se também a questão de gênero fílmico voltando a atenção para o modo de produção hollywoodiano e o fato de gênero ser um conceito efetivamente fluido dentro da indústria cinematográfica. O que se pretendeu destacar foram aspectos centrais de *Independence Day* que não pertencem ao âmbito da ficção científica e podem ser compreendidos dentro de um contexto de horror que encontra paralelos na obra de Lovecraft.

O horror cósmico verificado em *Independence Day* poderia servir ao propósito de provocar uma experiência catártica no espectador mas demonstra relutância em permitir que o processo catártico siga adiante. Antes que o filme acabe a crença no projeto humano é restaurada e valores tradicionais são reafirmados. Entretanto, a presença de elementos de horror desperta questões, ainda momentâneas, sobre a significância da espécie humana no contexto mais amplo da galáxia. O horror dito cósmico deriva dos medos ligados à inconsequência dos seres humanos no universo, os quais a humanidade procura disfarçar inventando deuses, valores morais de conduta e/ou idolatrando o próprio intelecto. De forma que um argumento central à questão seria que os aspectos de horror cósmico que orientam filmes como *Independence Day* encerram uma ambivalência sobre o poder e o lugar da humanidade no contexto mais amplo do cosmos. São filmes que negociam esses medos enraizados no ser humano e aumentam a nossa percepção cultural e social. Um possível valor de entretenimento em *Independence Day* pode ser fazer pensar naquilo que, apesar do conhecimento científico, ainda permanece sem explicação na experiência humana infundindo possibilidades de esperança ou medo.

### **Referência bibliográficas**

ALTMAN, Rick. *Film/Genre*. London: British Film Institute, 1999.

COWAN, Douglas. *Sacred Terror, religion and horror on the silver screen*. Wyco, Tx: Baylor UP, 2008.

EMMERICH, Roland (dir.). *Independence Day*, Estados Unidos, 1996.

GOMERY, Douglas. Toward a new media economics. In: BORDWELL, D. e CARROLL, N.(eds) *Post-Theory: Reconstructing Film Studies*. Madison: University of Wisconsin Press, 1996, pp. 407-418.

HALL, Stuart. 'The television discourse - encoding and decoding', *Media series*; SP No.7, University of Birmingham, Centre for Contemporary Cultural Studies, 1973.

JANCOVICH, Mark. *Rational Fears: American Horror in the 1950s*. Manchester: Manchester UP, 1996.

KLINGER, Barbara. "Local" genres: the Hollywood adult film in the 1950s. In: BRATTON, J., COOK, J. e GLEDHILL, C. (eds) *Melodrama: stage, picture, screen*. London: British Film Institute, 1995, pp. 134-46.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *Supernatural Horror in Literature*. London: Dover 1973.

NEALE, Steve. *Genre and Hollywood*. London, Routledge, 2000.

SEED, David. Alien invasion by body snatchers and related creatures. In: LLOYD-SMITH, A. e SAGE, V.(eds) *Modern Gothic, a reader*. Manchester: Manchester UP, 1996, pp. 152-170.